

Um Compreensível Esquema de Manobra: A Vida Além do Afeganistão e da Somália.¹

Dave Sloggett²

Tradução de Francisco Eduardo Alves de Almeida³

Resumo

O autor procura olhar além da idéia de manobra por força física para um novo conceito de manobra chamado de manobra cognitiva nos conflitos contemporâneos e examina o valor desse conceito e a contribuição potencial que o poder marítimo pode oferecer a essa nova forma de manobra.

Abstract

The author looks beyond the idea of physical force manoeuvre to a new accompanying concept of cognitive manoeuvre in today's conflicts and examines the value of this and the potential maritime contribution to this.

A Cegueira Marítima e seu Contexto Amplo

As acusações de “cegueira marítima” que foram feitas aos nossos líderes políticos nos últimos cinco anos vieram para ficar. As preocupações com os eventos ocorridos no Afeganistão levaram muitas pessoas a concluir que os

¹ Esse artigo foi publicado originalmente no periódico The Naval Review do Reino Unido em agosto de 2010. A autorização para a sua publicação foi dada por esse periódico para a Revista da Escola de Guerra Naval, dentro do intercâmbio acadêmico entre essas duas revistas científicas.

² O Professor Doutor Dave Sloggett é professor visitante e pesquisador associado do Centro de Estudos de Defesa do Departamento de Estudos de Guerra do King's College de Londres. O Professor Dr. Sloggett é membro do The Naval Review, do Royal United Services Institution e do International Institute for Strategic Studies.

³ O CMG (RMI) Alves de Almeida é membro do CEPE/EGN.

políticos simplesmente nada compreendem quando se chega ao domínio marítimo. Entretanto, há uma preocupação prevalente nas sociedades ocidentais quando necessidades fiscais podem ameaçar os gastos em defesa e os investimentos que são vitais para a proteção do Reino Unido e suas vastas e importantes linhas de comunicação.

Os políticos lutam com o conceito de guerra depois do fim da chamada Guerra Fria. Muitos líderes dessa geração que conduz os destinos políticos nacionais têm pouco conhecimento dos tempos de guerra e consideram difícil correlacionar o tempo atual com um estado de guerra. A guerra está longe na memória e seu impacto no dia a dia da sociedade não é compreendido. A eles falta a realidade experimentada pelo público britânico no auge da blitz alemã com todas as suas privações. A parte as lembranças de curto prazo provocadas pela ameaça terrorista na população atual, tais como os ataques em Londres em julho de 2005 e das notícias das baixas no Afeganistão, a guerra não tem sido um assunto imediato para o público em geral.

Como um paradoxo, essa atitude do público e sua associada “cegueira marítima” chegam em um tempo no qual um grande número de ameaças enfrentadas pelo mundo tem se multiplicado sobremaneira. O público em geral está freqüente e prazerosamente alheio aos maiores perigos do mundo nesse século 21. Muitos não tomaram nem conhecimento do afundamento do Cheonan⁴ nas costas da península coreana ou entenderam as implicações potenciais do fato de que a Coréia do Sul e do Norte ainda estarem tecnicamente em guerra.

Os ataques diários de piratas nas costas da Somália raramente recebem a atenção da mídia que é reservada, por outro lado, ao conflito no Afeganistão, com toda a sua dramaticidade, estórias de heroísmo e cerimônias emocionadas de repatriação de combatentes. Os teatros de guerra nos dias atuais são tratados como entidades separadas; pouca interação entre essas entidades existe na apreciação muito simplista da situação pelo público em geral. Contudo essa análise superficial, que é também um problema nos círculos políticos, desmente algumas importantes lições que estão surgindo nos vários teatros de guerra em que nossas forças armadas estão engajadas.

Nossas forças militares estão presentes em teatros caracterizados por panoramas sociais complexos que provêem uma mistura de atores rivalizando por influência e prestígio, cada um por si, frequentemente buscando objetivos locais. Isso tem sido comum tanto no Afeganistão como

⁴ A corveta sul-coreana Cheonan foi afundada em 26 de março de 2010 próxima ao limite das águas territoriais perto da Coréia do Norte. Uma investigação posterior concluiu que o Cheonan foi atacado por torpedos lançados por um submarino norte-acoreano da classe Yeno. (NT)

na Somália. Olhando para outros lados não é difícil sugerir que existam outros locais no mundo com realidades sociais complexas similares, nos quais a etnicidade e tensões sociais no passado têm criado descontentamento e instabilidade. Somália é um desses exemplos de um Estado que, para todos os propósitos, não possui um governo constituído e funcionando. Sua habilidade de projetar poder e providenciar serviços sociais para a sua população é massivamente limitado pela complexidade dos clãs, senhores da guerra e grupos de criminosos operando em diversas partes do território do país. Esse é apenas um exemplo dos muitos que seriam fáceis de listar.

Com os progressos realizados no mar, ao se reduzir o número de seqüestros conservando as forças disponíveis e provendo uma unidade de propósito raramente vista na arena marítima internacional, os comandantes das forças-tarefa navais internacionais operando no Golfo de Aden e no Oceano Índico modelaram discretamente o ambiente marítimo. Enquanto há real progresso, há também uma unanimidade de que a solução para a pirataria, se ela efetivamente existe, se encontra em terra e não no mar e exatamente nesse ambiente que as dificuldades ocorrem, quando os políticos tentam conduzir suas ações no atoleiro de relações e agendas que compõem o panorama social somali.

Entender o que significa “cegueira marítima” não é difícil, se refletirmos sobre alguns pontos. A força tarefa naval internacional tem feito com pequeno alvoroço e preocupação grandes progressos. Entretanto, o público em geral e os líderes políticos são praticamente incapazes de reconhecer a significância das mudanças que ocorreram. Os ataques continuam, as táticas dos piratas estão se aperfeiçoando e os comandantes de navios estão mais resistentes ao serem abordados e é óbvio que se a força tarefa naval for retirada a situação rapidamente se deterioraria, ameaçando importantes linhas de comunicação marítimas. A plataforma para o progresso foi estabelecida no mar. A pergunta que surge é o que pode ser feito para se progredir em terra. Dadas as óbvias similaridades entre os universos sociais que existem na Somália e no Afeganistão, que lições poderemos tirar do Afeganistão em relação a Somália e da Somália em relação ao Afeganistão?

Manobra, Organizações Terroristas e Criminais Transnacionais.

As conexões entre o crime organizado transnacional e o terrorismo internacional são os ingredientes dos debates políticos e acadêmicos que parecem incapazes de encontrar as palavras exatas para explicar ao público em geral as complexidades que mesclam os atores envolvidos. Mensagens simples, ilustrando a habilidade dos grupos terroristas em mudar as táticas

e os pontos focais de ataque, do ponto de vista físico para o cognitivo, não têm nenhuma ressonância com a população. É realmente difícil convencer essa população, uma vez que nos defrontamos com uma grande diversidade de adversários muito bem treinados em suas próprias terras. Em parte isso explica o aparente fracasso das mensagens do governo britânico que tentam convencer que as forças militares estão destacadas no Afeganistão para deter o ciclo de violência proveniente do Paquistão e assegurar que não haverá a repetição dos ataques tipo 11 de setembro nos Estados Unidos em 2001.

No entanto, há outra razão mais profunda para o fracasso dessas mensagens. Os cidadãos britânicos são sempre lembrados diariamente da natureza imediata da ameaça a nossa sociedade por parte de pessoas já vivendo no Reino Unido. Essa é realidade percebida diariamente pelo público britânico. A ameaça está em casa e como um pensamento subjacente, tal como onde os terroristas de 7 de Julho aprenderam a armar bombas, está além da compreensão para um cidadão médio inglês. Em tais circunstâncias é fácil perceber por que a mensagem passada pelo governo de que movimentar nossas forças militares no Afeganistão, contrariando uma tendência de saída pode reduzir a ameaça terrorista, não convence ninguém.

O mundo bipolar da Guerra Fria mudou para um multipolar composto de atores estatais e não-estatais. Organizações tais como o Hezbollah e o Hamas não podem simplesmente ser caracterizados como movimentos terroristas; eles executam atividades sociais efetivas apoiando as populações quando o Estado falha. Atores transnacionais como a alQaeda aprenderam a distribuir os seus recursos, criando franquias em outras partes do mundo, dispensando a necessidade de comando e controle centrais. Esses grupos usam a liberdade nos mares e em terra para agirem livremente. Nada novo nisso, alguns poderiam dizer, no entanto, como combatentes do século 21, eles reconhecem o poder da internet e da mídia para disseminar suas idéias para a maior audiência possível.

Os grupos terroristas transnacionais e organizações criminosas são a epítome de organizações flexíveis e ágeis que respondem rapidamente quando oportunidades aparecem. Eles aproveitam a inércia que existe em sociedades ocidentais, quando líderes políticos, que respondem as suas populações domésticas, solicitam permissão para conduzir operações militares. Restrições colocadas no envio de forças para o exterior são cruelmente exploradas, assim como há incertezas nesses países a respeito de ataques contra parceiros da coalizão. O recente recrudescimento da violência contra as forças polonesas operando no Afeganistão é um ardil cínico engendrado pelo talibã para enviar uma mensagem ao povo polonês,

já ressentido pela perda de uma geração de líderes no desastre aéreo de abril de 2010⁵.

Responder a essa ágil ameaça tem se mostrado difícil. O General Petraeus no Iraque congregou um grupo de assessores militares e civis para discutir e desenvolver novas formulações para a guerra contra a insurgência. Os resultados daquele exercício estão agora aparecendo nas doutrinas, tanto dos Estados Unidos da América como dos países da coalizão. No entanto, muito de seu foco até agora tem sido compreensivelmente voltado para ações em terra. Esse estudo sugere que, longe de se limitar o pensamento desse novo paradigma para ações em terra, as suas maiores implicações em matéria de guerra de manobra deveriam ser centradas na forma como nossos adversários, criminais e terroristas, utilizam a terra, o mar e o ar para se conduzir e ficar um passo a frente de nossas próprias ações. Eles operam dentro de nosso sistema decisório de comando e portanto possuem grandes vantagens. Como poderíamos reverter essa desvantagem ?

Lições de integração do Afeganistão e da Somália.

Intrigantemente há uma simbiose entre as atividades militares em terra no Afeganistão e a natureza dos esforços da Marinha Real Britânica e seus aliados internacionais nas costas da Somália que ainda tem que ser discutida com maiores detalhes. A idéia da manobra cognitiva em vez da manobra física. Como poderíamos aprender das lições paradigmáticas da história para auxiliar a futura guerra de manobra, frequentemente mencionada, com uma aproximação compreensível ?

A linguagem de armas combinadas, que muitas vezes invocou imagens de guerra de manobra física sendo conduzida por forças expedicionárias, deveria presentemente também incluir a noção de manobra cognitiva. Enquanto alguns disserem que isto seja um renomear sutil do que já é uma bem praticada forma de guerra (operações psicológicas), advogada muitos séculos atrás por Sun Tzu, na prática ela é uma maior e fundamental mudança no paradigma de guerra. Esse novo paradigma estimula os aspectos psicológicos da guerra de serem elementos subordinados de operações militares para serem esforços principais do comandante. Essa forma de guerra, deve ser mencionado, pode ser aplicada diretamente a alvos

⁵ No dia 10 de abril de 2010 um Tupolev da Força Aérea Polonesa caiu próximo a cidade russa de Smolensk matando 96 pessoas, incluindo o Presidente da República e sua esposa, o Chefe do Estado-Maior do Exército polonês, oficiais generais e diversos políticos. Essa tragédia foi considerada acidental (NT).

específicos no teatro e indiretamente a outros atores que podem também ser capazes de exercer alguma influência benéfica sobre o comportamento dos atores principais.

No Afeganistão a revisão das operações conduzida pelo general McChrystal em 2009 trouxe à baila a necessidade dessa fundamental mudança para ajudar a criar as condições para o progresso. Ele percebeu no contexto da construção do Estado e explorou o grau no qual um novo paradigma de manobra poderia ser criado, combinando elementos físicos (terra, ar, espaço e mar) com o cognitivo (incluindo atividades cibernéticas) para moldar uma aproximação ágil e manobrável, de modo a estabilizar as operações, retirando lições tanto da Somália como do Afeganistão, em verdade criando a base para uma aproximação verdadeira e compreensível para futuras operações de estabilização.

Existem poucas dúvidas de que as forças britânicas estejam fazendo o seu melhor, sob difíceis e extraordinárias circunstâncias, para trazer segurança a um país que em sua história raramente observou o que significa estar em paz. A cultura afegã está consolidada em costumes, crenças e tradições que considera a morte como um subproduto natural do cotidiano da população. A lei costumeira afegã é baseada na justiça reparativa não a clássica justiça retributiva que é o cerne do sistema ocidental.

Esse é um dos inúmeros eixos ortogonais que existem entre uma espécie de Estado democrático visualizado no Afeganistão por alguns líderes políticos ocidentais e outra espécie de Estado que poderia ser criado do legado histórico que retrata a situação real no terreno. Amalgamar essas duas posições fundamentais é o centro do problema enfrentado pelos comandantes militares que tentam estabilizar o Afeganistão. É exatamente onde a modernidade e a democracia se encontram com o feudalismo e o tribalismo. E é um local difícil de se estar.

Obter uma percepção real entre um Estado desejável para se combater, um governo que funcione, seja estável e que controle o seu próprio território e os problemas experimentados pelo país ainda governado por idéias que serviram bem a seus governantes anteriores é importante. Em sociedades como a do Afeganistão conceitos básicos como, por exemplo, o que significa ser afegão, ainda não estão sedimentados. Identidades sociais são centradas na tribo local, no clã e no parentesco. A idéia de um grande Estado é remota e inacessível. Em tais sociedades, mecanismos criados para conduzir pessoas floresceram e são passados de geração a geração por tradição oral. Parábolas e fábulas são usadas para definir a moralidade e o comportamento desejado e prover exemplos de precedentes legais que permitam decidir disputas locais.

Vinganças e o dever histórico de resgatar a honra familiar por meio de alguma forma de punição é crucial, de tal forma que alguns analistas os têm comparado ao sistema feudal da Idade Média. Existe toda a possibilidade de que as forças militares ocidentais possam criar as condições necessárias para a estabilidade no Afeganistão somente para perceber que o país retornou ao seu comportamento tribal baseado nos clãs. Para muitos a presença de forças militares no Afeganistão provê um ponto focal no qual se concentrarão recursos, antes da volta de velhas inimizades e do feudalismo. Parafraseando um provérbio pashtun “se levar cem anos para um pashtun vingar uma afronta, então ele está com pressa”.

Dado o clima inclemente e o papel central exercido pela terra em prover a alimentação suficiente, é surpreendente que comparações sejam feitas com o panorama feudal que foi uma vez parte da história britânica. O simples desafio da sobrevivência nessas difíceis circunstâncias, compele a se criar uma mentalidade capaz de se adaptar às privações provocadas pela guerra. A combinação da cultura afegã e sua história cria um projeto de longo prazo difícil de ser realizado. A Somália não é tão diferente estruturalmente do ponto de vista social.

Criar as condições que permitam o povo afegão abraçar a democracia com todas as suas idiossincrasias, será difícil e requererá uma abordagem especial em relação às operações de contra-insurreição que não podem ser esquecidas nas salas de aula. Adaptação, enquanto se mantém o contato, parece ser a abordagem; mostrar flexibilidade e agilidade de construir, a partir do nível local, em direção a comunidades auto-sustentadas e assim criar uma sociedade que seja capaz de celebrar a sua história, respeitando os seus costumes e ainda entrar no século 21. Catapultar a sociedade afegã do modelo do século 15, que ainda existe hoje, não é um projeto de curto prazo. A Somália está na mesma situação.

Igualmente, para aqueles que procuram negar a possibilidade de futuras grandes confrontações, aqui pode ser encaixada a dimensão marítima. A quantidade de Estados falidos ou em vistas de serem Estados falidos que agora se espalham no continente africano são um rico filão de futuras operações para nossas forças militares, uma vez que estejam desengajadas do Afeganistão. Está claro a partir de fontes ostensivas que grupos terroristas transnacionais se dirigem para onde existe instabilidade ou falta de governabilidade. O uso que eles fazem do domínio marítimo para contrabandear armas, narcóticos e pessoas ilustra esse ponto. Atores transnacionais desfrutam da liberdade oferecida pelo ambiente marítimo.

É difícil imaginar que as nações ocidentais sejam capazes de congregar suficientes recursos militares para auxiliar todos esses países a evitarem as armadilhas da instabilidade. Guiné-Bissau, Mali, Saara Ocidental são três lugares onde a Al-Qaeda certamente acredita ter futuro. Apesar de seus percalços na Somália, a Al-Qaeda não abandonou o uso da instabilidade nesse país para nutrir uma espécie de insegurança no qual pode atuar. Tensões entre grupos rivais são uma parte essencial do dia a dia na Somália e no Afeganistão. No dia 1 de maio de 2010 pelo menos 32 pessoas foram mortas e mais de 70 feridas quando duas bombas explodiram em uma mesquita em Bakara, Mogadíscio. A isso se seguiu um ataque aos soldados da força de paz da União Africana quando 20 militares foram mortos no que foi uma vingança perpetrada pelos combatentes islâmicos locais pela morte de dois líderes da Al-Qaeda no Iraque no início da semana. O movimento de um número de navios seqüestrados de Haradhere para Hoboyo na Somália por grupos sufistas, em razão dos ataques à cidade realizados por extremistas islâmicos, programados para serem contra a pirataria, indica a natureza variável do ambiente social.

A guerra mutuamente destrutiva entre grupos competindo por influência na Somália desafia a análise simplista. A situação no terreno é complexa. Grupos mudam de posição rapidamente; aliados frequentemente se tornam inimigos. A natureza do universo social local é diversificada. Criar soluções de cima para baixo, uma aproximação frequentemente pensada por líderes políticos ocidentais como apropriada, tem poucas chances de obter sucesso. Soluções de baixo para cima, nos locais onde os protagonistas assumem o controle da situação, necessitam indicar os pontos nevrálgicos dos quais uma aproximação geral para obter segurança pode ser desenvolvida. Seguem-se nessa linha idéias similares sendo testadas no Afeganistão.

A Mauritânia é outro país que tem recentemente sido exposto a atividades insurgentes de baixa intensidade, a partir de grupos com a marca da Al-Qaeda que tem todos os ingredientes para rapidamente se deteriorar. Manter o foco no Afeganistão, enquanto se tenta evitar que a situação fuja do controle no Sahel e no continente subsaariano da África é difícil. Colocar o “pé no terreno” necessita ser minimizado de modo a se evitar a alcunha de tropas ocupantes que muito fez para fermentar a insurgência tanto no Iraque como no Afeganistão. Essas lições estão sendo aprendidas pelos militares, embora em alguns casos, muito lentamente. É difícil adaptar a doutrina de teorias clausewitzianas nos últimos anos do século XX para aquela espécie de força que deve balancear uma aproximação de combate do tipo “hard” ou “soft power”.

Adaptando a contra-insurgência: um esquema compreensível de manobra.

A adaptação de uma postura em relação à contra-insurgência será um tema ainda a ser discutido no futuro. Os insurgentes do século XXI têm simplesmente muito espaço para manobra, impedindo que sejam contidos ou mesmo eliminados por métodos cinéticos.

Enquanto existem muitas similaridades no panorama social existente naquelas áreas, cada país e sociedade tem seus próprios costumes, tradições e credos. Esses são importantes recursos potenciais a serem considerados no desenvolvimento de uma aproximação para uma manobra cognitiva que poderá complementar as atividades no domínio físico. Qualquer guerra expedicionária nessas áreas terá que ser conduzida entendendo-se os elementos constituintes da história social local se forem aplicados o tipo “soft power”. A análise do ambiente em futuros potenciais conflitos terá que ser conduzida em novos níveis se quisermos ter sucesso otimizando os investimentos e o desenvolvimento de forças.

Novos indicadores de possíveis Estados falidos devem ser desenvolvidos a partir de indicadores econômicos tradicionais. Indicadores demográficos e étnicos deverão ser cada vez mais importantes. O complexo panorama social é problemático. Afeganistão, Iraque e Somália têm indicado muitos exemplos para ilustrar esse ponto. Porém é vital estar preparado para as diferenças sutis existentes entre países que superficialmente parecem desenvolver modelos regulatórios similares de suas sociedades. A aplicação local de “soft power” precisa considerar a natureza complexa das sociedades e seus modos de praticar a lei baseada nos costumes, com todas as dificuldades associadas e os pontos que transparecem ao se enfatizar ações baseadas na tradição oral.

Apesar desse tema ser difícil, não é completamente intratável. Alguns analistas têm se referido a campanhas contra-insurgentes contemporâneas como “problemas capciosos”⁶, inerentemente insondáveis. Esse caso está longe de ser verdade. Existem formas de digerir esse enorme “elefante”. Isso vai requerer novas idéias e abordagens. A inteligência coletiva é uma ferramenta oferecida para se desenvolver o entendimento das forças que fragmentam essas sociedades e as respostas das coalizões multinacionais. Essa aproximação coletiva pode cruzar com muitos limites tradicionais e abraçar qualquer um ou qualquer organização que tiver a habilidade de

⁶ A expressão em inglês é “wicked problems”. Traduzi “problemas capciosos” ao invés de “problemas malvados” como sua tradução literal. (NT)

adicionar valor para desenvolver e compreender a situação. Isso será uma resposta conjunta verdadeira que cruza as linhas defeituosas governamentais, que são pontos de fraqueza inerentes em situações de respostas civil e militar.

Respostas que podem associar as percepções operacionais obtidas pelas tropas no terreno com as perspectivas acadêmicas e com as informações de outros atores governamentais são necessárias. Utilizar informações e perspectivas dispersas e assim visualizar o panorama social e suas vulnerabilidades se tornam extremamente importantes. As tarefas imputadas aos centros de agregação de informações a bordo de porta-aviões e em outros navios capitais são vitais se os comandantes estão tentando projetar “soft power” do mar para terra. A capacidade de influenciar eventos na Somália pode requerer uma aproximação direta e indireta, usando-se a diáspora internacional indiretamente para tentar e moldar as condições no terreno.

De modo a construir um balanço adequado, os comandantes necessitam utilizar a tecnologia para obter arranjos coletivos em tempo real e não real em diferentes níveis de classificação para criar uma mistura eficaz de informações ostensivas e classificadas. A capacidade de responder rapidamente às situações, utilizando as ações criadas por eventos que chocam e horrorizam as populações locais, é um aspecto crítico de modo a se criar situações favoráveis com muitas vezes populações relutantes. Isso é uma manobra cognitiva em sua melhor forma: aproveitar a iniciativa no nível tático e aproveitar as incompreensões que apareçam entre os insurgentes e a população local.

Suposições, frequentemente um problema crítico que é raramente apreciado em sua plena extensão, quando pessoas formam pontos de vista estereotipados de situações correntes, precisam ser rediscutidos e pontos de vista modificados. O “ethos” militar deve ser contestado; algumas vezes, uma pausa para reflexão e discussão é apropriada. Enquanto o tempo é vital no nível tático no caso de engajamentos, na aplicação de “soft power” a rate de manobra necessita ser ajustada para um tempo diferente; em alguns casos o avanço do caracol deve ser o melhor. Alguns universos sociais temem a mudança. Eles dependem de seus costumes, credos e tradições que provejam portos seguros para muitas vidas que tem dificuldades no viver e sobreviver. Enquanto a manobra física pode ocorrer em um passo muito acelerado no campo de batalha sempre em movimento, a manobra cognitiva tem um diferente observe, oriente, decida e aja (OODA). Compreender o pensamento dos inimigos para ganhar tempo é bem diferente quando se manobrando cognitivamente.

É assim axiomático que mudar o comportamento de pessoas ou no jargão militar influenciar suas ações, toma tempo. Isso é especialmente

verdadeiro quando as atividades criminais tais como pirataria, oferecem um acesso a um inteiramente novo, mas algumas vezes culturalmente estranho modo de vida. Para um pescador da qual a sobrevivência tem sido ameaçada por pesqueiros em atividades ilegais, a diferença entre ganhar 300 libras por ano e 20.000 libras por ano é extremamente significativa.

A necessidade de desenvolver habilidades para projetar “soft power” de um ambiente naval para terra sem “pisar” em terra é importante. Em sua discussão sobre a segurança marítima o Almirante Sir Trevor Soar⁷ apontou a questão importante de que o “soft power” por si só é incapaz de produzir um resultado favorável quando defrontado por um inimigo determinado disposto a utilizar diferentes formas de guerra assimétrica agora disponíveis. Ater-se a novos conceitos discutidos na mídia não é reservado somente para nossas próprias atividades militares. Nossos inimigos podem recorrer a esses conceitos da mesma maneira.

Na província de Helmand⁸ a fábrica que produzia explosivos artesanais surgiu antes dos Estados Unidos da América chegar a esse local. O problema que ocorre é que no Ocidente o processo político faz com que qualquer “novo conceito” seja uma intensa e especulativa questão de mídia e frequentemente produza discussões acaloradas. No mundo globalizado no qual vivemos as operações militares tais como a planejada pela ISAF⁹ em Kandahar em junho de 2010, deve ser disseminada na imprensa por muitas semanas antes mesmo de começar. A população civil necessita ser engajada e o auxílio oferecido. A surpresa nos níveis operacional e estratégico permanece, deixando somente aos comandantes táticos alguma liberdade local para conquistar os seus objetivos. É um fato que a imprensa e o aumento no escrutínio público, legal e político moldou o espaço de manobra disponível para os comandantes militares tais como Montgomery, Patton, Eisenhower e MacArthur. A “guerra dos povos nos dias atuais”, expressão cunhada pelo General Sir Rupert Smith¹⁰ contrasta marcadamente quando se pensa em liberdade de manobra para comandantes militares ocidentais.

⁷ Atual Comandante em Chefe da Esquadra Inglesa (Commander-in-Chief Fleet of the Royal Navy). (NT)

⁸ Província do Afeganistão onde tropas da ISAF conduziram diversas operações contra-insurgência. Nesse local existiam fábricas que produziam explosivos artesanais para atacar tropas norte-americanas e britânicas. (NT)

⁹ ISAF - International Security Assisted Force, tropa da OTAN, comandada pelo General norte-americano David Petraeus, atuante no Afeganistão. (NT)

¹⁰ O General Sir Rupert Smith do Exército britânico foi Sub-Comandante Supremo Aliado na Europa (Deputy Supreme Allied Commander Europe) entre 1999 e 2001. (NT)

A Dimensão Marítima

De todos esses comandantes militares mencionados MacArthur foi o chefe que compreendeu melhor as ligações potenciais entre os domínios marítimo e terrestre. A grande idéia de manobra desse comandante nas costas de Inchon e a surpresa tática obtida, apesar de uma falha na segurança operacional, foi baseada em uma aproximação indireta. O desbordamento físico do inimigo, também, tem paralelo no domínio cognitivo. Essa é a chave para o desenvolvimento de uma aproximação compreensiva à guerra de manobra que abarca os elementos físicos e cognitivos em uma forma balanceada e diversificada. Um elemento potencial de uma aproximação compreensiva à guerra de manobra nas costas da Somália é considerar o potencial para engajamento de dispersões populacionais no Ocidente, de modo a prover pontos de referência em comportamentos em seus Estados.

O general Schawarzkopf desenvolveu uma manobra na Guerra do Golfo que continha uma ameaça importante proveniente do domínio marítimo usando técnicas de dissimulação para forçar as forças iraquianas no Kuwait a esperar diversos eixos potenciais de ameaça ao mesmo tempo. A simples presença de forças-tarefa no Golfo Pérsico aumentou a complexidade no planejamento iraquiano.

Sincronizar os esforços militares em terra e no mar pode, dessa maneira, prover benefícios adicionais. No entanto, essa necessidade não deve ser criada somente no domínio físico; deve ser criada também no domínio cognitivo. Isso mencionado, existem ocasiões quando essa aproximação cognitiva tem suas próprias limitações. A recente retirada de forças quenianas de suas obrigações em combater piratas, alegando não possuir os recursos necessários, retira um ponto importante de toda essa aproximação. No presente, parece que os resultados da pirataria ultrapassam a ameaça de captura. Outros pontos necessitam ser descobertos.

Enquanto é difícil usar a situação na Somália como um paradigma para futuras operações combinadas em terra e no mar, existem algumas percepções que podem ser trabalhadas. É bem sabido que o desenvolvimento urbano das linhas de costa no mundo continua a se desenvolver rapidamente. Estatísticas sugerem que brevemente 60 a 70% da população mundial estarão vivendo em uma faixa litorânea. Esses serão pontos fulcrais de futuras confrontações e conflitos a respeito de recursos. A guerra de manobra no litoral não será irrelevante no século XXI.

A habilidade de projetar “hard” e “soft power” no litoral deve ser fundamental se operações de estabilização forem conduzidas de modo a prevenir o colapso de Estados, impedindo que grupos terroristas conduzam

suas atividades. Enquanto as forças marítimas podem se confrontar com piratas nas costas da Somália, é em terra onde as soluções surgirão. Auxiliar a criar condições que possam ajudar as relações com comunidades locais é fundamental, daí a necessidade de influenciarem do navio para a terra, algo que as forças navais que operaram nas costas de Serra Leoa em 2000 fizeram muito bem. Apenas por fundear próximo ao litoral essas forças enviaram uma mensagem poderosa aos rebeldes que atuavam em Freetown. Essa foi uma aplicação direta de influência da força tarefa para a comunidade local e os insurgentes. A complexidade da situação na Somália requer uma aproximação diferente, uma que também indique intenções em somalis que vivem fora de seu território.

No Reino Unido vive uma vibrante comunidade de somalis que pediu asilo político em razão do caos em seu país. Somalis aproveitam o aumento de contato com familiares e amigos, em razão das melhorias nos sistemas de telefonia móvel. Os preços das ligações internacionais em queda têm dado oportunidade para que ocorram contatos quase que diários com suas famílias e clãs. Esses canais indiretos permitem que se influencie a população local na Somália. Embora não se utilize a aproximação direta, como ilustrado, por exemplo, pela ação conduzida por comandos franceses para libertar reféns aprisionados no iate “Ponant”¹¹ ou as ações conduzidas pelas forças-tarefa internacionais, essa iniciativa permite que somalis vivendo em outros países consigam falar diretamente com outros somalis. O uso dessa dispersão populacional não é o único instrumento disponível. Ele é apenas parte de um esquema de manobra mais amplo que já vem sendo conduzido nas costas somalis pelas forças tarefa internacionais com sucesso cada vez maior, ao utilizar recursos espaciais, aéreos e marítimos de modo a reduzir a liberdade de manobra dos piratas.

Questões mais amplas

Apesar dos rumores em contrário, as ligações entre a pirataria e a insurgência em terra na Somália, que alimenta a insegurança, ainda tem que ser provadas além dos comentários anedóticos. O cisma fundamental que existe entre as interpretações linha dura sunitas do Islã praticadas pelos insurgentes e a mais pacífica escola islâmica sufista que é seguida pela maioria da população somali cria tensões que impedem uma maior

¹¹ O iate “Ponant” de bandeira francesa foi tomado por piratas da Somália no dia 4 de abril de 2008. Um grupo de comandos franceses foi enviado uma semana depois para o local e após pequena confrontação liberou 30 reféns e prendeu 6 piratas. (NT)

cooperação: depois da tomada da cidade de Haradhere pelo grupo radical islâmico Hizbul-Islam no dia 3 de maio de 2010 a derrota dos navios seqüestrados tiveram que ser alteradas. Esse grupo radical é conhecido por querer banir a pirataria, afirmando abertamente que essa ação é contrária a “sharia”. Manter a separação desses grupos radicais sunitas dos tradicionais sufistas é importante. Isso ajudará a criar as condições para aqueles recrutados para a pirataria ficarem inibidos em razão da incompatibilidade fundamental da pirataria e de que o Islã desafiará as ações de piratas. Essa é uma faceta importante da manobra cognitiva.

Essas linhas conflituosas no panorama social na Somália servem para controlar a pirataria. Preocupações profundas sobre o tipo de vida abastado adotado pelos piratas na forma como eles gastam o seu dinheiro de resgates alimentam as tensões com os chefes locais de pequenas vilas na costa, uma vez que esses anciões consideram um insulto a seus costumes e tradições as drogas, a prostituição e o comportamento criminoso em suas vilas. Enquanto está claro que a pirataria continua a evoluir em táticas e aumentar suas áreas de operação, seu aumento ou sobrevivência a longo prazo pode ainda estar depositada nas mãos desses poucos chefes locais na Somália que, apesar do caos estabelecido, se movem em direção a restringir as operações de pirataria, indicando as inconsistências que existem entre crenças e comprometimentos e o resplandecente tipo de vida dos piratas.

Essa forma de engajamento local daqueles com a habilidade de influenciar o comportamento de criminosos, agregado com outros elementos de uma compreensível aproximação de manobra nos domínios físico e cognitivo, oferece um caminho em relação a uma aproximação para futuras operações de estabilização. Enquanto superficialmente parece existir uma distância entre operações navais na costa da Somália e as operações terrestres no Afeganistão, uma análise mais aprofundada aponta áreas de similaridade que poderão prover padrões para o desenvolvimento de operações militares melhor planejadas e executadas no século XXI. Como entramos na segunda década do novo milênio essa é uma visão que vale a pena ser analisada e desenvolvida.